

60 Falta de índice gerou crise

Nilton Horita

SÃO PAULO — A sociedade está chegando ao fim de mais uma experiência fracassada de política econômica contra a inflação: a desindexação total dos preços da economia. Hoje, ao contrário do que queriam os lançadores da idéia (a equipe econômica anterior), ela está servindo como realimentador da inflação, ao contrário de quebrar a prática de reajustes automáticos.

“Sem uma referência de preços, o pessoal tende a superestimar os índices e acaba adicionando uma gordura no preço final para se precaver”, conta Gilberto Galan, diretor de Planejamento da Kodak do Brasil. Hoje, as empresas se comunicam entre si, formam uma expectativa em relação à inflação futura e trabalham dentro desse patamar. Para o diretor do Banespa, Saulo Krichanã Rodrigues, a Taxa Referencial, que deveria ser o teto, transformou-se no piso de reajustes. “Além disso, as empresas não se permitem mais editar apenas uma tabela por mês. A atualização é semanal”, observou.

Para novembro, por exemplo, existe consenso de que a inflação deverá se situar na faixa dos 30%. Sobre esse índice, soma-se um percentual de segurança, margem de lucro e custos operacionais. E está feito o preço final para venda à vista e a prazo. Ou seja, a economia começa a trabalhar pela sistemática do *achismo* (prática pela qual cada um utiliza o índice que lhe é mais conveniente). “Nós recebemos tabelas de fornecedores com os reajustes mais

disparatados possíveis”, ilustra Vander Vasconcelos, diretor do Grupo Paes Mendonça. “Está valendo tudo.” Algumas práticas bem definidas, porém, podem ser percebidas no comportamento dos agentes econômicos. O aluguel de telefones, por exemplo, é indexado à variação da TR. As prestações de imóveis novos são corrigidas pelo índice Sinduscom (variação de preços dos insumos da construção civil). O terreno onde está instalado o imóvel em construção, porém, segue correção pela variação do IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Dólar — O Mappin, tradicional rede de varejo de São Paulo, está vendendo mercadorias para pagamento em dez vezes, com prestações obedecendo correção pela variação da Taxa Referencial Diária. As empresas multinacionais, por sua vez, utilizam como referência a evolução do dólar. “Nós estamos vivendo um sistema de mercado livre e, assim, nada mais justo que indexar meus preços ao dólar, pois meu produto tem referência internacional”, explicou, recentemente, Edson Vaz Musa, presidente da Rhodia do Brasil.

Essa confusão total com relação à referência de preços da economia não teria problema algum para uma economia estabilizada. Ocorre que o Brasil depois do Plano Collor II, que instituiu a desindexação, só viu a inflação subir. Aliás, essa desindexação é a segunda tentativa: a primeira vez foi no Plano Verão, em janeiro de 1989, experiência que sobreviveu por dois meses.